



Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Ciências Médicas
Departamento de Medicina Preventiva

Para além das letras

Trabalho de Conclusão do Programa de Aprimoramento Profissional
em Saúde Mental

Marina Torres Barichelo

Orientadores
Rosana Onocko Campos
Alberto G. Diaz

Campinas
2009

"A escrita é a pintura da voz."

Voltaire

Dedico este trabalho a toda equipe do CAPS Antônio da Costa Santos, com quem pude me aprimorar não apenas como profissional, mas como pessoa... e a todos o usuários deste serviço, que me proporcionaram experiências únicas e inesquecíveis.

Obrigada CAPS Sul

Sumário

1-Introdução.....	2
2-Desinstitucionalização e Políticas Públicas de Saúde Mental.....	3
3-Contexto Histórico- Trabalho e Reabilitação.....	5
4- Oficinas Terapêuticas.....	6
5-Oficina de Escrita.....	8
6-Minhas Vivências.....	10
7-Referências.....	12

1- INTRODUÇÃO

As oficinas terapêuticas enquanto dispositivo da atual Política Nacional de Saúde Mental, tem como meta se diferenciar das práticas antecessoras utilizadas para o cuidado do indivíduo com sofrimento mental, práticas essas, decorrentes da idéia de estabelecer o trabalho como um recurso terapêutico, conhecido como “tratamento moral”.

Objetiva-se através deste trabalho discutir esse novo dispositivo de reabilitação psicossocial, que vem sendo amplamente aplicado nos Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), utilizando-se como modelo uma Oficina de Escrita realizada em um CAPS III na cidade de Campinas.

Diferentes definições de reabilitação psicossocial são encontradas na literatura, segundo Pitta (1996), é o processo que facilita ao usuário com limitações, a sua melhor reestruturação de autonomia de suas funções na comunidade.

De acordo com Saraceno (1999) a reabilitação psicossocial deve abranger três vértices da vida de todo cidadão: casa, trabalho e lazer.

Tendo como base a idéia de que a Reforma psiquiátrica no Brasil visa inclusão e integração do indivíduo com sofrimento mental, as oficinas terapêuticas auxiliam diretamente na socialização, expressão e inserção social, respeitando a singularidade de cada instituição na utilização deste recurso de acordo com seus referenciais de reabilitação, desde que contemple os princípios da Reforma.

Durante todo o ano de 2008 em que acompanhei como aprimoranda as atividades desenvolvidas no CAPS, a Oficina de Escrita foi uma das atividades de que participei e a escolhi como forma de exemplificar esse novo paradigma de reabilitação, esta se utilizando da escrita e da expressão como forma de possibilitar a produção de uma subjetividade que enriqueça a relação do usuário de saúde mental com o mundo.

2- **DESIINTITUCIONALIZAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE MENTAL**

O processo de Reforma Psiquiátrica no Brasil tem início contemporâneo à eclosão do “movimento sanitário”, nos anos 70, buscando uma mudança dos modelos de atenção e gestão nas práticas de saúde, defesa da saúde coletiva, equidade na oferta dos serviços, e protagonismo dos trabalhadores e usuários dos serviços de saúde nos processos de gestão e produção de tecnologias de cuidado.

Entretanto, mesmo tendo um início contemporâneo, a Reforma Psiquiátrica apresentou um desenvolvimento próprio, inscrito em um contexto internacional, inspirado nos movimentos europeus e americanos que buscavam uma ruptura no antigo paradigma, com destaque para a reforma psiquiátrica Italiana.

Ainda na década de 80, no Hospital Psiquiátrico Juqueri houve propostas de mudança que visavam diminuir taxas de mortalidade, aumentar as altas hospitalares e humanizar as condições de internação e trabalho, dentro destas propostas incluía-se o recurso das oficinas terapêuticas, que surgem também como mais um dispositivo dentro desta nova proposta terapêutica e como um elementos organizadores e estruturadores no cotidiano institucional, fundamental para a construção da nova clínica (LIMA, 2004).

Neste contexto é construído o Projeto de Lei 3.657/89 , conhecido como Lei Paulo Delgado, que contém três pontos: detém a oferta de leitos manicomiais financiados com dinheiro público, redireciona os investimentos para outros dispositivos assistenciais não-manicomiais e torna obrigatória a comunicação oficial de internações feitas contra a vontade do paciente oferecendo: “(...) pela primeira vez um instrumento legal de defesa dos direitos civis dos pacientes” (BEZERRA, 1992).

É então à partir dos anos 90 que começam a ser aprovadas as primeiras leis que determinam ações para substituição do sistema asilar, contando com com apoio dos movimentos sociais. A criação e renovação de políticas públicas de saúde mental são marcadas pelo compromisso firmado pelo Brasil na assinatura da Declaração de Caracas e pela realização da II

Conferência Nacional de Saúde Mental, visando a implantação de novos equipamentos de tratamento de saúde mental tais como os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) Núcleos de Atenção Psicossocial (NAPS) e Hospitais-dia, e as primeiras normas para fiscalização e classificação dos hospitais psiquiátricos.

3- CONTEXTO HISTÓRICO – TRABALHO E REABILITAÇÃO

As práticas de trabalhos, como ofícios mecânicos (de alfaiate, pedreiro, sapateiro, etc.), bem como o labor agrícola e outras formas de trabalho podem ser vistas como uma atividade ocupacional que permite a (re) inserção social de diversos grupos sociais e também contribuem para a consideração social perante a comunidade (LANCMAN, 2007).

No século XVIII, Pinel propõe a substituição dos asilos por manicômios, possibilitando a separação dos excluídos socialmente, grupo constituído pelos criminosos, inválidos, mendigos e portadores de doenças venéreas dos que realmente eram doentes mentais e considerados loucos e introduz o trabalho como um meio para a cura, através da proposta do Tratamento Moral, o tratamento no manicômio, de acordo com Pinel deveria ser de reeducação do alienado, implicando respeito às normas e desencorajamento das condutas inconvenientes.

O trabalho acontecia através das oficinas e para os que não tinham habilidades especiais trabalhavam como serventes em obras do próprio hospital, já nesta época o trabalho era a base de uma sociedade organizada em torno da produção capitalista.

No Brasil os hospitais psiquiátricos surgem no final do século XIX e início do século XX e possuíam grandes áreas para que os doentes pudessem trabalhar na terra e na realização de outras atividades (LIMA, 2004). Desta forma em muitos hospitais psiquiátricos as atividades eram tidas como uma exploração do trabalho dos próprios usuários para manter a própria instituição ou como atividades para combater a ociosidade.

Nos Hospitais Psiquiátricos o uso do trabalho e sua comprovação de que este era terapêutico, impulsionaram a transformação das práticas assistenciais.

A constatação dentro dos hospitais de que as relações entre os ali internados se modificavam reforçaram a idéia de que o trabalho era um instrumento facilitador do restabelecimento de relações significativas com as quais os usuários conviviam. Assim as instituições psiquiátricas encontraram no trabalho uma via rápida para a reinserção do individuo com doença mental no meio social e de trabalho (LANCMAN, 2007).

4- OFICINAS TERAPÊUTICAS

O termo oficina é empregado para designar atividades desenvolvidas nos espaços substitutivos de cuidados em Saúde Mental, segundo o Ministério da Saúde, Portaria 189 de novembro de 1991 as oficinas se caracterizam “atividades grupais de socialização, expressão e inserção social”.

Enquanto dispositivos da atual Política Nacional de Saúde Mental objetivam se diferenciar em relação às suas práticas antecessoras, práticas decorrentes da idéia de estabelecer o trabalho como um recurso terapêutico, conhecido como ‘tratamento moral’. Neste contexto, entendemos que as oficinas terapêuticas não se apresentam como uma alternativa inicial de lidar com a loucura (VALLADARES et al, 2003).

As oficinas terapêuticas em saúde mental são utilizadas enquanto encontro entre pessoas em sofrimento psíquico, que promove o exercício da cidadania e convivência dos diferentes através da inclusão pela atividade, atualmente tais oficinas se constituem a partir da reinserção das pessoas em sofrimento psíquico (VALLADARES et al, 2003)

Para Carnevalli (2004) a oficina é um espaço onde os integrantes podem se comunicar um com os outros, viver e ver suas limitações e habilidades. Tem como objetivo fazer com que o sujeito tenha autonomia podendo capacitá-lo para o exercício profissional e sua reinserção social.

O termo terapia psicossocial já era utilizado por Minzoni (1974) para conceitua-la como atividades terapêuticas que envolvem o atendimento do usuário, tanto nos níveis individuais como grupais, e atividades de trabalho e recreação.

A atividade artística enfatiza a criação do novo e o processo construtivo utilizando-se da produção de acontecimentos, experiências, ações, objetos; "reinventa" o homem e o mundo. A partir deste enfoque, as atividades das oficinas em saúde mental passam a ser vistas como um instrumento de enriquecimento dos sujeitos, de descoberta e ampliação de possibilidades individuais de valorização da expressão e de acesso aos bens culturais (MENDONÇA, 2005).

"Nos novos dispositivos da rede de atenção, a ênfase na particularidade de cada caso, o trabalho multiprofissional, a escuta e o respeito ao louco e a

invenção de novas estratégias de intervenção sobre o campo social e clínico deram ensejo à recuperação do uso da atividade como um valioso recurso no tratamento clínico e na reabilitação psicossocial" (GUERRA, 2004, p.24).

5- A OFICINA DE ESCRITA

A oficina de escrita teve início no mês de abril, após reformulação nos grupos e oficinas que eram oferecidos no CAPS, em sua reunião de planejamento. Surgiu como oferta de dois psicólogos, sendo que um deles já havia experimentado dessa experiência em outro serviço.

Com frequência semanal o dia e horário para realização da mesma foi o primeiro impasse. A organização dos projetos terapêuticos individuais (PTI), costumavam se concentrar nas segundas, quartas e sextas, uma vez que na terça ocorrem as reuniões de equipe e mini equipe, não havendo oferta de atividades abertas.

A idéia inicial era de que o grupo ocorresse de quinta-feira a tarde, entretanto, a disposição dos PTI's não favorecia a presença de usuários neste dia e período no CAPS. Com participação de poucos usuários pensou-se várias vezes em mudar o horário do grupo, ou até mesmo seu dia, entretanto optou-se por tentar mais algum tempo, uma vez que nas tardes de quinta nenhuma outra atividade aberta era oferecida.

Com o tempo o grupo não só passou a ser reconhecido pelos usuários, mas pela equipe, que passou a alterar o PTI de alguns usuários para que pudessem participar do grupo. A adesão demorou a acontecer, entretanto a periodicidade e exposição das produções em semanas comemorativas auxiliaram na divulgação e afirmação do grupo como atividade fixa do CAPS.

Os grupos tem a duração de aproximadamente uma hora, de início é oferecido alguma material, como figuras, textos, poesias, músicas, entre outros, que são lidos e mostrados a todos os participantes, em um segundo momento é realizada uma discussão sobre impressões de cada um sobre o que foi trazido e ao final sempre era realizada uma produção referente ao tema abordado no dia.

O fato de não saber escrever não impossibilitava a participação de usuários neste grupo, mesmo sendo chamado de grupo de escrita, também era ofertada a possibilidade de se realizar produções gráficas a cerca do tema discutido, assim todos os presentes podiam expressar-se da melhor forma.

Coordenar é estar à escuta de uma linguagem que muitas vezes não se utiliza de palavras, a partir da qual essas produções podem instituir canais de troca e encontro e criar novos universos existenciais (MENDONÇA, 2005).

Cada encontro contava com a particularidade estrutural de seus freqüentadores, a imprevisibilidade do que era trazido por cada um muitas vezes levava o grupo a discussões diferentes das imaginadas inicialmente, permitindo trabalhar conteúdos que para eles era mais emergente naquele momento.

"As oficinas com psicóticos agrupam singularidades tão explícitas que só nos resta escutar uma a uma. São muitas idéias, poemas, recitações circulantes em meio aos delírios e alucinações (...) Trata-se de fazer conviver diferenças, singularidades absolutas, inibições absurdas e certezas plenas, em um espaço em que o laço social é mais uma meta que pré- condição de trabalho"(GRECO, 2004, p.85).

Uma oficina de escrita ou de jornal é um espaço de convívio, criação e transformação, para o qual convergem experiências, descobertas e questionamentos no campo da palavra falada e escrita. Portanto não tem como foco principal atingir uma produção literária nem um produto final (MENDONÇA, 2005).

Existe como projeto futuro a confecção de um livro com algumas das produções realizadas durante o grupo, este projeto apresenta-se como um reconhecimento da capacidade de cada um daqueles que participou em algum momento do grupo e que terá suas potencialidades concretamente impressas neste livro.

6- MINHAS VIVÊNCIAS

Mais do que uma revisão sobre temas de saúde mental, como Reforma Psiquiátrica e Oficinas Terapêuticas, esse trabalho também visa abordar minhas impressões pessoais, vivências e aprendizado durante o período como aprimoranda de Saúde Mental.

Após o término de uma graduação em saúde mental, na qual idéias, vivências, e novas propostas não eram vistas como um somatório, mas sim como conflitantes ao conhecimento existente, ingressar em um programa de aprimoramento, voltado para discussão e elaboração conjunta de projetos e propostas me pareceu um grande e novo desafio.

Logo de início, a oportunidade de integrar uma equipe de saúde mental infantil me pareceu uma oportunidade de talvez sentir-me mais segura com tamanha mudança, uma vez que minha formação havia sido voltada em grande parte para a área infantil, entretanto, optei uma vez que havia aceitado tamanha mudança, decidi não realizá-la pela metade, escolhendo como área de interesse um CAPS III.

E que tamanha mudança me viria pela frente, um serviço com funcionamento 24 horas, com uma equipe bastante jovem e cheia de vontade de dividir, ensinar e partilhar seus conhecimentos, basicamente o oposto do que eu já havia experimentado.

Mudança esta muito boa a meu ver, logo de início a disponibilidade de todos me abriu diversas portas para participar de diversas atividades em conjunto com a equipe, grupos, reuniões e oficinas, também recém formados, afinal, meu primeiro dia foi justamente na reunião de planejamento, onde todos os planos para o ano estavam sendo traçados, ou seja, pude participar do processo desde o início.

A entrada na oficina de escrita se deu de uma forma muito natural, bem típica de uma aprimoranda, que chega ao serviço e quer abraçar todas as atividades nele existentes. Entrei na oficina por vontade própria, me convidando a conhecer esta nova proposta de uso da escrita, dessa vez não mais com crianças, como havia experimentado na graduação, mas com uma população adulta e em sofrimento psíquico.

Fiquei, por uma duas, três semanas e assim foi acontecendo, também entrei em outros grupos e outras oficinas, com alguns não me identifiquei e acabei passando apenas como expectadora, uma ou duas vezes, mas nesse fiquei, fui me sentindo parte integrante e parte que era integrada, por tudo que aprendia, tanto com os usuários, quanto com os outros profissionais que dela faziam parte.

Pude perceber o quanto a participação, mesmo que indireta da equipe se faz necessária para a constituição de um grupo ou oficina dentro de um serviço, desde o reconhecimento do dia e horário de realização da oficina, permitindo que o espaço do refeitório estivesse pronto para a realização da mesma, assim como a apropriação dos profissionais de que a oficina era mais um recurso terapêutico disponível no CAPS, passando a incluí-la na formação do PTI dos usuários, auxiliando no fortalecimento e constituição da mesma.

Isso mostra o quanto que por melhor que seja uma proposta e a disposição de um profissional para a realização de um projeto dentro de um serviço a parceria com os demais profissionais, de diversas áreas e setores se faz necessária.

Essa nova etapa em que o CAPS se encontrava, de reformulação da equipe e das atividades de reabilitação que oferecia aos usuários, permitiu que parcerias e trocas entre profissionais de núcleos diferentes fossem feitas, agregando novas idéias e experiências às propostas que já existiam.

Esse novo olhar para reabilitação, com foco na re-socialização e inserção no território é uma característica que se mostra bastante marcante nesta nova conformação da equipe, que procura sempre fazer o caminho inverso ao que se estava acostumado na psiquiatria convencional, indo de dentro para fora do CAPS.

Algo que me deixou bastante incomodada foi o fato de não ter finalizado minha passagem por esse grupo oficialmente, minha saída abrupta e uma viagem dos usuários exatamente no dia de minha última participação no grupo não permitiram uma despedida formal, sinto como se após tudo que foi escrito durante o ano, minha passagem tenha ficado sem um ponto final, porém prefiro pensar não como algo inacabado, deixado para traz, mas como algo que esteja aberto para novas linhas e novas histórias, talvez não com este grupo, mas com novos personagens e novos autores.

7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, B. Da verdade à solidariedade: a psicose e os psicóticos, **Psiquiatria sem hospícios - contribuições ao estudo da reforma psiquiátrica**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 41-55, 1992.

GRECO, M.G. Oficina: uma Questão de Lugar? In **Oficinas Terapêuticas em Saúde Mental - Sujeito, Produção e Cidadania**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2004.

GUERRA, A. M. C. Oficinas em Saúde Mental: Percurso de uma História, Fundamentos de uma Prática. In **Oficinas Terapêuticas em Saúde Mental - Sujeito, Produção e Cidadania**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2004.

LANCMAN, S. Psicodinâmica do Trabalho In: **Terapia Ocupacional: fundamentação & Prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

LIMA, E.A. Oficinas e outros dispositivos para uma clínica atravessada pela criação In: **Oficinas Terapêuticas em Saúde Mental: sujeito, produção e cidadania**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2004.

MENDONÇA, T.C.P. **As oficinas na saúde mental: relato de uma experiência na internação**. *Psicol. cienc. prof.*, dic. vol.25, no.4, p.626-635, 2005.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de assistência à saúde. **Portaria No 189** de 19/11/199. (D.O.U. de 11/12/1991) e **Portaria No 224** de 29/01/1992 (D.O.U. de 30/01/1992).

MINZONI, M.P. **Assistência ao doente mental**. São Paulo, Guarani, 1974.

PITTA, A. (org.) **Reabilitação psicossocial no Brasil**. São Paulo, Hucitec, 1996.

VALLADARES, A.C.A.; LAPPANN-BOTTI, N.C.; MELO, R.; KANTORSKI, L.; SCATENA, M.C.M. **Reabilitação Psicossocial através das Oficinas Terapêuticas e/ou Cooperativas Sociais**. *Rev. Eletronica de enfermagem*. 5(1) p.04-2003. Disponível em www.fnpu.br/revista.